

O choro da oposição

BRASÍLIA — Horas antes de os líderes governistas terem anunciado a retirada de assinaturas de parlamentares para inviabilizar a CPI da Corrupção, os líderes da oposição reconheciam a derrota para o esquema montado pelo Palácio do Planalto. Sem uma margem de segurança de assinaturas no pedido, a oposição só pôde assistir ao êxito da estratégia do governo para impedir a instalação da CPI.

Pouco depois da sessão do Congresso Nacional na qual o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), transferiu à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) a decisão sobre a constitucionalidade do pedido da CPI da Corrupção, a oposição já adotava o discurso de derrota. "Conseguimos número excelente em situação de adversidade. Outras CPIs sequer conseguiram e com isso já fomos mais que vitoriosos", repetia o líder do PT na Câmara, deputado Walter Pinheiro (BA), mostrando sinais de abatimento causado

pelo esforço dos dois últimos dias em busca de assinaturas. O líder do PSB na Câmara, deputado Eduardo Campos (PE), era mais claro: "De fato esta batalha, mesmo que se conteste, o governo obteve vitória".

Na noite de quinta-feira, depois que o pedido foi protocolado, os líderes oposicionistas ainda pensavam em colher assinaturas para estancar a retirada de apoios causada pela pressão do governo sobre a base aliada. Os deputados mineiros Romeu Queiroz (PSDB), Mário Assad Júnior (PFL), João Magalhães (PMDB) e Antonio do Vale (PMDB) desistiram de entregar as assinaturas que haviam prometido.

Os oposicionistas garantem, no entanto, que vão continuar incomodando o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Para isso, vão tentar incluir nas CPIs de obras inacabadas, Proer e Sivam, que são as próximas a serem instaladas na Câmara, parte das denúncias listadas no pedido da CPI da Corrupção.